

39.

IGREJA DE SANTO ISIDORO DE CANAVESES



Largo Padre Manuel R.
Gomes, Santo Isidoro
Marco de Canaveses



41° 12' 27.49" N
8° 8' 39.07" O



918 116 488



Sáb. 17h



Santo Isidoro
4 abril



Monumento Nacional
2013



P. 25



P. 25



x

Tendo como orago Santo Isidoro, o bispo de Sevilha (Espanha), cujos restos mortais foram trasladados para a cidade andaluza em 1063, esta pequena Igreja românica está hoje bastante bem conservada. Podemos enquadrá-la no modelo mais comum das igrejas românicas portuguesas: composta pela justaposição de dois retângulos (a nave e a capela-mor), ostenta os seus elementos decorativos em torno dos vãos e dos seus cachorros. Apesar de se mostrar contida e fechada sobre si própria (apenas iluminada por estreitas frestas ao bom gosto românico), a Igreja de Santo Isidoro ostenta orgulhosamente um elaborado portal. Os toros das arquivoltas ligam-no ao românico portuense, o jogo criado pelos fustes cilíndricos e prismáticos que as sustentam aproximam-no do românico criado em torno da bacia do Sousa e as palmetas das impostas (que se prolongam pela fachada) recordam-nos o românico de origem beneditina que se desenvolveu no eixo Braga-Rates. Exemplo do casamento de várias influências, reflexo da circulação de artistas e de arquétipos que se sentia de forma evidente na segunda metade do século XIII, época em que foi possivelmente construído este templo, tendo em conta os vestígios românicos remanescentes.

Nas fachadas laterais, a existência de mísulas comprova ter existido em ambos os lados da Igreja uma estrutura alpendrada, seguramente em madeira, que abrigava os portais. Se, na fachada norte, são lisas e quadrangulares, na fachada oposta algumas delas apresentam motivos ornamentais.



OS MOTIVOS DE INSPIRAÇÃO PAGÃ

No alçado sul, na segunda mísula a contar da fachada, quis Fernando Pamplona identificar um motivo fálico, ornato que considera raro e uma "reminiscência do paganismo a persistir em alguns templos medievais, na esteira do culto fálico celebrado nas dionísias gregas em honra de Diónisos e de Príapo e nas bacanais romanas em louvor de Baco e de Vénus". Aludindo às representações do falo solitário na iconografia sexual da escultura da época românica, Jaime Nuño González recorda precisamente o caráter preventivo



que durante tanto tempo teve o órgão sexual masculino na senda da tradição romana. A par das representações dos heróis, a exibição do nu também assumiu no mundo clássico contornos algo insolentes, conforme atestam algumas representações de Baco ou de Sileno. Na época romana, a representação do falo surge com uma profusão inusitada, em cruzamentos de ruas, esquinas de casas ou, mesmo, como pendente. Séculos mais tarde, em plena Idade Média, encontram-se testemunhos iconográficos onde a representação do corpo ainda adota formas essencialmente clássicas. É o que acontece na época românica e é o caso do falo representado em Santo Isidoro.

No interior, aos paramentos lisos, em granito aparente e animados por estreitas frestas, soma-se um simples arco triunfal, ligeiramente quebrado, desprovido de qualquer elemento ornamental. Desapossada do seu conjunto retabular, a Igreja de Santo Isidoro aparece hoje aos olhos do visitante como um espaço despido, resultado de uma profunda intervenção de restauro de que foi alvo em 1977 e da qual resultou a descoberta do conjunto de pintura mural, de elevada qualidade, que se encontra na parede fundeira da capela-mor e nas imediatamente adjacentes.

Estamos diante de um conjunto pictórico que, além de ter sido datado de 1536, foi assinado pelo pintor Moraes, refletindo uma evidente consciência do estatuto individualizado de artista. Pouco ou quase nada se sabendo sobre este artista, é certo que gozou da influência que teve o ambiente renascentista que se vivia no geograficamente próximo meio portuense, ao tempo da ação mecénática do bispo de Viseu, D. Miguel da Silva (1480-1556). Na parede fundeira, a pintura apresenta-se à maneira de um tríptico, dividido por duas colunas amarelas.

O painel central ostentava, naturalmente, a figura do orago da Igreja, Santo Isidoro, de que apenas se observam hoje, em torno da fresta românica, as extremidades da mitra e do báculo e a parte inferior do respetivo manto. A cabeça do santo encontra-se num fragmento de pedra exposto na capela-mor. O orago era então ladeado por elegantes figuras femininas apresentadas em trajes cortesãos: a *Virgem com o Menino* e *Santa Catarina de Alexandria*, esta última segurando a espada e a roda do seu martírio, tendo aos pés a cabeça decepada do imperador pagão responsável pela sua morte. Falsas arquiteturas criam um sentido cenográfico. Nas paredes adjacentes, do lado do Evangelho, vemos *São Miguel a pesar as almas e a derrotar o dragão* e, do lado oposto, o da Epístola, *São Tiago*, representado como peregrino.

No que toca ao acervo pictórico, devemos destacar ainda duas pinturas a óleo, uma sobre madeira e outra sobre tela. A primeira, do século XVII, representa a cena do *Calvário* e a outra, posterior, do século XIX, com um modelo bem conhecido da *Virgem Imaculada*.

